

> Contextos de Lazer e Gênero: o álbum de música *Eu sou mulher, eu sou feliz*

> Leisure and Gender Contexts: The Music Album *I am a woman, I am happy*

por Carla Augusta Nogueira Lima e Santos

Doutora e mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa. É professora efetiva na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), membro do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ/UEMG) e do grupo Ciranda da UEMG. E-mail: carlanlsantos@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2733-4196.

por Cathia Alves

Doutora em Estudos do Lazer e Mestre em Educação Física, com Pós-doutorado em Estudos Culturais. Docente do Instituto Federal de São Paulo, campus Salto. Integrante dos grupos de pesquisa LIMC/IFSP, Oricolé/UEMG e GECE/NECO/UA. E-mail: cathiaal@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-4768-0539.

por Khellen Cristina Pires Correia Soares

Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, com Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Goiás/Universidade de Havana. Tem experiência no campo da Educação Física e dos Estudos do Lazer, com ênfase nas questões étnico raciais e da Educação Intercultural. E-mail: khellencristina@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8413-250X.

por Rita Maria de Fátima Peloso Grasso

Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais/UEMG (2015). Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual do Pará/UEPA (2004), e em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará/UFPA (1996). Participante do Grupo de Estudo Oricolé - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer. E-mail: ritapeloso13@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8720-318X.

Resumo

O álbum “Eu sou mulher, eu sou feliz”, é constituído por dezesseis canções, compostas por Zélia Duncan e Ana Costa com produção de Bia Paes Leme. Nesta investigação o álbum é entendido como um texto cultural, um artefato que ensina e divulga modos de ser. A análise se debruçou em identificar nas letras das canções os contextos de gênero e lazer. O álbum apresenta um manifesto político, pedagógico e a necessidade que impera em torno do lazer na vida e na história das mulheres. As letras apresentam as desigualdades que as mulheres sofrem no que diz respeito à rotina e às questões de violências. O método foi uma escrita feminina por meio da técnica de bricolagem.

Palavras-chave: Música. Lazer. Gênero. Mulheres.

Abstract

The album “Eu sou mulher eu sou feliz”, consists of sixteen songs, composed by Zélia Duncan and Ana Costa with production by Bia Paes Leme. In this investigation, the album is understood as a cultural text, an artifact that teaches and disseminates ways of being. The analysis focused on identifying the contexts of gender and leisure in the lyrics of the songs. The album presents a political and pedagogical manifesto and the prevailing need for leisure in women’s lives and history. The lyrics present the inequalities that women suffer with regard to the daily routine and issues of violence. The method was a female writing through the bricolage technique.

Keywords: Song. Leisure. Gender. Women.

> Artigo recebido em 16.10.2022 e aceito em 25.04.2023.

As mulheres choraram muito culturalmente, mas uma vez secas as lágrimas, no lugar das lágrimas, o que teremos abundantemente é o riso. É o brilho, é a efusão, é um certo humor que nunca se espera encontrar nas mulheres e que, no entanto, constitui, seguramente, a sua maior força...

Helene Cixous, “O sexo ou a cabeça”

1. O ritmo inicial

O álbum “Eu sou mulher, eu sou feliz”, foi lançado em 2019, pela Biscoito Fino (gravadora que se dedica ao lançamento e difusão da música brasileira), constituído por dezesseis canções inéditas, compostas por Zélia Duncan e Ana Costa. As duas parceiras assinam a direção artística do álbum, junto a Bia Paes Leme, que tem direção musical, arranjos e produção musical; cada uma das canções é interpretada por uma cantora diferente¹. As canções foram gravadas por artistas mulheres, tais como, Elba Ramalho, Simone, Leila Pinheiro, Isabella Taviani, Joyce Moreno, Daniela Mercury, Lan Lan, Áurea Martins, Fabiana Cozza, Cida Moreira, Lucina, Júlia Vargas, Mart'nália, Maíra Freitas, Fernanda Takai, Nath Rodrigues, Teresa Cristina, Alcione e Mônica Salmaso².

Notamos que cada uma dessas artistas compõe interseccionalidades diferenciadas, seja de faixa etária, território, orientação sexual ou estilo musical. Elba Maria Nunes Ramalho, além de cantora, é compositora, multi-instrumentista e atriz, tem 71 anos de idade e nasceu na cidade de Conceição, na Paraíba; Simone Bittencourt de Oliveira, tem 73 anos de idade, é de Salvador – Bahia; Leila Toscano Pinheiro tem 62 anos de idade, é compositora e pianista, nasceu em Belém no Pará; Isabella Maria Lopes Leite, (Isabella Taviani), tem 54 anos de idade, é carioca, também canta e compõe; bem como, Mart'nália Mendonça Ferreira, carioca, com 57 anos idade e sua irmã Maíra Freitas, 25 anos, que também marcam presença como intérpretes no álbum.

¹ Marco A. Cunha, *Projeto Zélia Duncan e Ana Costa*, 2019, s.p.

² Marco A. Cunha, *Projeto Zélia Duncan e Ana Costa*, 2019, s.p.; Domênica Soares, ZÉLIA DUNCAN E ANA COSTA lançam álbum “eu sou mulher, eu sou feliz” com inéditas e parcerias de tirar o fôlego, 2019, s.p.

Joyce Silveira Moreno, outra cantora e compositora do álbum, tem 74 anos e também é carioca; Daniela Mercury é cantora, compositora, bailarina, instrumentista, atriz, empresária e produtora musical, tem 57 anos e é de Salvador – Bahia; outra artista que participa do álbum, também de Salvador, é Elaine Silva Moreira (Lan Lan), que tem 54 anos de idade e é percussionista; Áldima Pereira dos Santos, conhecida artisticamente como Áurea Martins, é carioca e tem 82 anos; Fabiana Cozza dos Santos, além de cantora, é escritora e pesquisadora, de São Paulo, com 47 anos. Maria Aparecida Guimarães Campiolo, mais conhecida como Cida Moreira, também é de São Paulo e tem 71 anos; Lucia Helena Carvalho e Silva (Lucina) tem 73 anos e é de Cuiabá – Mato Grosso; Júlia Vargas tem 29 anos, a percussionista e bailarina, nascida em Cabo Frio, é uma das mais jovens no álbum.

Fernanda Barbosa Takai, 51 anos, é uma compositora e multi-instrumentista do Amapá; Nath Rodrigues, também multi-instrumentista, é de Sabará – Minas Gerais; Teresa Cristina Macedo Gomes é carioca; Alcione Dias Nazareth tem 75 anos e é de São Luís – Maranhão; Monica Salmaso tem 52 anos e é de São Paulo; Albenise de Carvalho Ricardo (Nilze Carvalho), 53 anos, é uma compositora e bandolinista, nascida no Rio de Janeiro; assim como, Marina Iris, 37 anos, jovem intérprete carioca. O álbum nos presenteia, ainda, com a recitação de Tom Grito, 41 anos, (artista, slammer e poeta, que se identifica como Trans não Binária) e Gênesis (escritora, poeta, slammer e contadora de histórias), ambas integrantes do coletivo Slam das Minas do Rio de Janeiro, recitando “Princípio da Interseccionalidade”.

Todas essas mulheres representam um pouco do cenário musical brasileiro em diversas vertentes e estilos. Assim, ao eleger um álbum de música como objeto de estudo e como um artefato cultural, entendemos que a confecção e produção das músicas desenhou um currículo cultural que ensina e divulga modos de ser para os sujeitos. Portanto, fazemos um recorte desde a perspectiva do nosso lugar de fala³, e indagamos, como se dá a abordagem feita sobre os temas de lazer e as questões de gênero nas músicas do álbum: O lazer, as festas, a ludicidade e as

³ Djamila Ribeiro, *O que é: lugar de fala?*, 2017.

diversões, o descanso e os processos educativos que contemplam o lazer aparecem nas letras das músicas relacionados com as mulheres? E as questões de gênero e sexualidade, como se apresentam?

A partir disso, o objetivo dessa investigação de cunho bibliográfico e teórico, foi ouvir e conhecer o álbum “Eu sou mulher, eu sou feliz”, diagnosticar e identificar as relações que as músicas fazem com a temática do lazer e as questões de gênero.

Compreendemos que o lazer é cultura e o seu conceito está associado a um tempo histórico, a fatores e experiências culturais, a uma conjuntura social, além da personalidade que essa experiência demanda, e a suas intersecções de raça, gênero, classe, território, entre outros. Existe um conjunto de características que estão associadas ao lazer e que foram difundidas e estudadas por vários autores e autoras, de perspectivas e momentos históricos diferentes, que apontam aspectos em torno do caráter lúdico das práticas; da escolha individual ou coletiva para as experiências; da diversão e do prazer que as vivências demandam; da relação com o tempo (desocupado, conquistado, livre, disponível), com o espaço, seus equipamentos e com o caráter educativo que as atividades de lazer expressam⁴.

Gênero, nesse estudo, é visto como um mecanismo, ou seja, dispositivo, pelo qual e no qual as noções de masculino e feminino são produzidas de forma naturalizada. Entretanto, esse mesmo gênero pode ser o aparelho pelo qual esses termos podem ser desconstruídos, desregulados, questionados e desmontados, pois gênero se move para além do binarismo naturalizado, logo, as regulações fundamentadas no patriarcado, no falocentrismo e no machismo⁵ são discursos restritivos e limitados, que insistem numa posição binária de homem e mulher como uma maneira exclusiva de compreender gênero e sexualidades e operam como uma ação reguladora de poder e hegemônica, que retira possibilidades de pensar em rompimentos e catarses⁶.

⁴ Luís, O. Camargo, *O lazer e a ludicidade do brasileiro*, 2016; Christianne L. Gomes, *Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura*, 2014; Nelson C. Marcellino, *Introdução aos Estudos do Lazer*, 2012; Victor Melo, *Sobre o conceito de lazer*, 2013.

⁵ Judith Butler, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2017.

⁶ Judith Butler, *Regulações de Gênero*, 2016.

Nesse contexto, o gênero e as sexualidades desmontam as regulações de identidade que fixam os seres humanos e os condicionam a um poder normativo, no qual são vistos como homem ou mulher, encontro este que permite múltiplas convergências e divergências, contrariando as regulações e normalizações⁷.

Dessa forma, produzir esse texto num conjunto de quatro mulheres de diferentes territórios nacionais, com identidades que se questionam é um risco, um atrevimento e um desafio, e nesse desafio incide a busca pela escrita feminina⁸ como uma representação de invasão de territórios e fronteiras, pois problematiza o sistema de poder do patriarcado que está ancorado no falocentrismo, num processo que fabrica e reforça o machismo e a heteronormatização, alimentando o racismo e outras violências.

Assim, não basta ser assinado por mulher para ser uma escrita feminina, um texto feminino, escrito por mulheres, não tem um fim, muitas vezes não tem ponta, inicia por lados opostos e não se antecipa, a mulher sente, antes de querer e fazer uma escrita⁹. A partir desse exercício de catarse e rompimento, os Estudos Culturais nos trouxeram para um lugar de indagação, questionamentos e perguntas sobre as diferenças¹⁰, é um campo que tem nos ensinado a problematizar as questões culturais associadas a diversos elementos, entre eles lazer, currículo, gênero e sexualidades.

Para olhar para o currículo do álbum, utilizamos o método da bricolagem¹¹, optamos por criar uma ficha inicial para nos orientarmos durante o tempo de escuta das músicas. A ficha indicava: a) o nome da música; b) o nome da intérprete; c) contexto das músicas; e d) os atravessamentos. Os atravessamentos e contextos cruzariam com as seguintes palavras-chaves: lazer, diversão, festa, ócio, descanso, desenvolvimento, pausa, tempo, atividades obrigatórias e não obrigatórias, questões de gênero, sexualidades, feminino ou outros termos que se associassem ao contexto de lazer e das mulheres e que

⁷ Judith Butler, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2017.

⁸ Helene Cixous, *O sexo ou a cabeça*, 2018.

⁹ Helene Cixous, *O sexo ou a cabeça*, 2018.

¹⁰ Maria M. Baptista, *Estudos culturais: o quê e o como da investigação*, 2009.

¹¹ Marluce Paraíso, *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas*, 2014.

poderiam lançar luz sobre a pesquisa. E no exercício da bricolagem fomos tecendo o texto, traçando rotas e caminhos¹².

Com base nesse trajeto metodológico, das dezesseis canções analisadas, fizemos um recorte a partir da temática sobre as questões de gênero e lazer, e apresentamos aqui cinco canções em que essas esferas se destacam. As músicas são: Não é Não; Saias e Cor; Sou mulher, eu sou feliz; Sabemos ver; e Uma mulher.

2. O ritmo de Lazer e gênero no álbum

Zélia Duncan, compositora do álbum, anuncia como sua vida mudou a partir do momento que tomou consciência sobre a condição de ser mulher no Brasil. Para ela a produção do álbum em parceria com Ana e Bia foi catarse, grito, gozo feminino, múltiplo. O projeto é a vontade de ser antídoto para todo machismo tóxico, toda violência misógina cotidiana, todo gesto absurdo e naturalizado de agressão contra a mulher. E ainda reforça que o álbum é um “tanto de festa, porque amamos ver o mundo com nossos olhos, porque alegria é sempre poderosa arma contra qualquer ódio. Aqui está um pedaço da nossa força, traduzida em música, palavra e amor”¹³.

A força do álbum se torna potência de expressão representando o discurso de uma diversidade de mulheres, tecendo musicalmente um manifesto político, uma denúncia, um ponto de resistência por meio das músicas em busca de assumir o domínio sobre os seus próprios corpos. A música que ilustra essa força é a faixa “Não é Não”, samba interpretado por Tereza Cristina e Mariana Iris. A letra apresenta o Não como resistência, a união e a força de mulheres que se cuidam.

A letra coloca os enunciados, “para, chega, espera, entenda” como discurso para não agressão contra as mulheres. É uma defesa ao nosso corpo, ao nosso

¹² Marlucy Paraíso, *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas*, 2014.

¹³ Zélia Duncan, citada por, Marco A. Cunha, *Projeto Zélia Duncan e Ana Costa*, 2019, s.p.

ritmo, à nossa vontade e às nossas escolhas. “Não é não. Eu digo “sim” pro meu “não”. Não é não até o fim. O meu “não” é um sim pra mim [...]. Quem manda no meu corpo é minha vontade inteira. O sim e o não são meus”¹⁴.

Essa música retrata as diferentes formas de violência que todas as mulheres sofrem e para as quais precisam diariamente dizer não, repetir, reforçar seu posicionamento em várias esferas da vida. “Quem manda no meu corpo. É minha vontade inteira. O sim e o não são meus. Aprendam os sinais da paz. Ou vai ser guerra declarada. Chega de ser campeão de agressão pra cima da mulherada!”¹⁵

A canção também nos conduz a refletir sobre o histórico dessas violências. Os efeitos da hegemonia da branquitude no imaginário social e nas relações sociais reforçaram as violências, refletindo um saldo mais negativo nas vidas e nos corpos das mulheres pretas, que historicamente têm sido vistas pela ótica da erotização e da exploração sexual, colocadas num lugar subalterno, excluídas e marginalizadas. A violência sexual colonial é um “cimento” que resultou em todas as hierarquias de gênero, raça, que formam a nossa sociedade¹⁶.

Nesse sentido, ao afirmar a necessidade de termos uma “perspectiva feminista negra”, que nasce do lugar específico de ser mulher, negra e pobre, atentamos para as condições que rompem silêncios e colaboram para a luta antirracista no Brasil e no mundo¹⁷. A essa perspectiva, podem se ligar outras minorias, imigrantes, indígenas, comunidade não heteronormativa, mulheres violentadas, entre outros, outras e outres que também sofrem com as violências.

Cabe refletir que uma vez que nós mulheres estivermos protegidas do racismo, também será possível nos proteger de outras violências e resistir contra as necropolíticas. Para Carla Akotirene, na prática, não queremos ver o assassino da vereadora feminista, negra e lésbica, Marielle Franco (morta em 2018) em liberdade, pois o assassinato dela representa uma mulher negra atingida na

¹⁴ Zélia Duncan e Ana Costa, *Não é Não*, 2019.

¹⁵ Zélia Duncan e Ana Costa, *Não é Não*, 2019.

¹⁶ Sueli Carneiro, *Mulheres em movimento*. 2003. Sueli Carneiro, *Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro*. 2019

¹⁷ Sueli Carneiro, *Mulheres em movimento*. 2003.

encruzilhada de diversos preconceitos, tais como, o racismo, sexismo, lesbofobia e machismo, revelando a vala, que se encaixa no trânsito colonial como o lugar das mulheres negras.

Dito isso, a categoria interseccionalidade é fonte de água, é metodologia que, ainda que seja difícil de engolir os seus fluxos, é uma forma de se fazer justiça¹⁸. Nesse sentido, o álbum de música de Zélia e Ana também é interseccional, aponta as diferentes categorias e ruas que atravessam a vida das mulheres em seus trânsitos e movimentos diários.

Outra canção que chama a atenção e retrata o álbum como uma denúncia é “Saias e cor”, faixa de número seis:

Ah, cuidado com esse gesto aí, Vai te ferir Não, não deixa machucar assim, Teu coração. Vem, lutar é natural pra nós, na solidão. Mas estamos juntas numa só revolução. Cansamos de enterrar nossas asas. Já temos todo o céu pra voar. Xamãs, guerreiras loucas de fé! Quem já sofreu lá fora. Vai nos guiar depois. Toda nação uma hora entende que o mundo quer saias e cor! (Composição: Ana Costa / Zelia Duncan. Interpretação: Isabella Taviani e Nilze Carvalho)¹⁹.

Essa música nos remete a um chamado para as mulheres de cor, caribenhas, terceiro-mundistas, lésbicas, africanas, ou seja, mulheres à margem; para invocar “uma teoria do espírito”²⁰, no sentido de responder a Carta de Anzaldúa²¹ entre as fronteiras da mestiçagem, para impedir que o sangue coagule na caneta, nos provocando para o gesto da sua mão escura que segura a caneta, sem o medo de escrever para outras irmãs espalhadas pelo mundo.

Zélia Duncan e Ana Costa enfrentam limites da mulher na música e produzem um álbum que representa esferas do mundo feminino, enfrentando esses “medos” e nos provocando para que também os enfrentemos por meio das canções.

¹⁸ Carla Akotirene, *Interseccionalidade*, 2019.

¹⁹ Zélia Duncan e Ana Costa, *Saias e Cor*, 2019.

²⁰ Carla Akotirene, *Interseccionalidade*, 2019.

²¹ Glória Anzaldúa, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. 1980.

A arte e a música associadas à cultura afro-americana podem operar como elementos sensibilizadores e catalisadores, que fazem as pessoas se envolverem em movimentos organizados para provocar mudanças sociais radicais. São produções que têm a potência de influenciar sentimentos, conhecimentos e despertar a consciência social da comunidade²².

Angela Davis, numa realidade americana e em seu contexto de luta, representa um dos pontos móveis que desestabiliza, desnaturaliza e provoca movimentos na rede de poder e saber²³. E no lazer brasileiro, associado às nossas raízes latinas, indígenas e afrodescendentes, também podemos tocar nos elementos da arte e da música, entre outros, para colaborar com os movimentos sociais, as resistências e a redução das desigualdades.

Angela Davis²⁴ aponta que “o povo negro foi capaz de criar com sua música uma comunidade estética de resistência que, por sua vez, encorajou e nutriu uma comunidade política de luta ativa pela liberdade”. Nesse contexto, de compreender o álbum como um texto cultural que possui um currículo, as resistências são estratégias e tecnologias representadas por manifestos, políticas e projetos como esse, que convergem para os direitos sociais e para as igualdades.

Ao analisar o álbum “Eu sou mulher, eu sou feliz” identificamos que a principal abordagem do disco está relacionada às mulheres, mulheres negras, pobres, brancas, mulheres silenciadas pelo labor e pelo cotidiano, mães, irmãs, filhas, mulheres trabalhadoras. Mulheres cujo corpo diz “Eu sou mulher, eu sou feliz”, como narra a canção de número quatro, que leva o título do álbum, interpretada pela cantora Simone: “há esperança no ser mulher, tem companhia na luta, o corpo de mulher resiste, luta e é feliz no cotidiano da simplicidade do encontro, da música e da felicidade”.

Portanto, refletir sobre a existência de um currículo de resistência está alinhado com uma perspectiva de currículo multicultural que defende diversas

²² Angela Davis, *Mulheres, cultura e política*, 2017.

²³ Lucas Mendes e Cathia Alves, *Currículos e Resistências: “Libertem Ângela Davis e Todos os Presos Políticos*, 2019.

²⁴ Angela Davis, *Mulheres, cultura e política*, p. 17, 2017

maneiras de trazer à tona os temas da diversidade e das desigualdades, interpretando e lutando por significados contra hegemônicos que se opõem às reproduções sociais e culturais²⁵.

No sentido da oposição, relembramos Lélia Gonzalez²⁶, quando chama atenção para as questões da mulher preta, ensinando-nos sobre racismo e sexismo. A autora elegeu as noções de consciência e de memória, e instrui que quanto à consciência, ela está relacionada ao lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do não saber; e à noção de memória como esquecimento, do não saber sobre o que se conhece, sobre uma história que não foi escrita, mas que representa um lugar de emergência da verdade. “A consciência exclui o que a memória inclui”²⁷.

Entre contextos e cenários que envolvem as questões raciais e de gênero das mulheres, as noções de consciência e memória colaboram para a tecnologia do silenciamento, do embranquecimento que narra coisas e produz discursos que se fixam como regimes de verdade em torno das mulheres. A memória é astuta, tem jogo de cintura e opera pelas mancadas do discurso da consciência, e nesse jogo dialético, entre consciência e memória, a crioulada dança, fala, canta, reverbera e resiste²⁸.

Essas noções de memória e consciência, cruzam com a fala de Zélia Duncan em *live* com Ana Costa²⁹, ao falar da *música Sabemos Ver*, interpretada por Cida Moreira. A compositora conta a tristeza de fazer a letra dessa música, que foi produzida no domingo eleitoral de 2019, um dia triste, com medo, com a tristeza pelo que o Brasil poderia se tornar. Zélia declara o terror de sair sozinha nas ruas, sentia um clima de ataque às mulheres, com fortes indícios de violências.

²⁵ Henry Giroux, *Praticando estudos culturais nas faculdades de educação*, 2013; Cathia Alves, *Provocações entre currículos e culturas: a ação do profissional do lazer*, 2019; Flávia Rezende e Fernanda Ostermann, *Hegemonic and counter-hegemonic discourses in science education from the perspective of a post-critical curriculum theory*, 2020.

²⁶ Lélia Gonzalez, *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, 2019. Lélia Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano*. 2020.

²⁷ Lélia Gonzalez, *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, p. 28, 2019.

²⁸ Lélia Gonzalez, *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, 2019.

²⁹ Zélia Duncan e Ana Costa, *Live Natura Musical*, 2020.

A compositora pensou numa letra para as mães (que tenham parido ou não, que sabem da essência da dor de ser mãe): “ontem fui dormir com medo de acordar e não me ver, sem espelho e sem domingo, sem descanso e sem você”. O “você” dessa música representa um próximo, uma angústia de se sentir só na luta e na resistência.

Também expressa um temor por um retrocesso das políticas sociais conquistadas ao longo das lutas femininas e feministas, ainda que saibamos e cremos que a história, a cada ciclo, não inicia do zero. E assim, essa música grita o medo de sermos filhas dessa vida, com medo, sem domingo e sem descanso, uma mulher que não tem lazer, não tem seu dia de pausa. Por fim, a letra da música é uma denúncia, sobretudo, da falta de perspectiva das mulheres trabalhadoras por uma vida mais amena e mais feliz.

Ontem fui dormir com medo. De acordar e não me ver. Sem espelho, sem domingo. Sem descanso e sem você. Nossos sonhos salvam vidas. Somos mães, sabemos ver. Somos filhas dessa vida. Tão difícil de viver. Lágrimas, sexto sentido. Parimos sem ninguém ver. Mas também quando sorrimos. Tudo pode acontecer! Nossos sonhos salvam vidas. Somos mães, sabemos ver. Somos filhas dessa vida. Tão difícil de viver. (Composição: Ana Costa / Zélia Duncan. Intérprete: Cida Moreira)³⁰.

Outra música no álbum que nos remete ao contexto do lazer é a faixa de número dois, interpretada por Alcione, que leva o título “Uma mulher” e retrata a falta de descanso e o cotidiano da mulher.

Mais um dia vem. Com ele uma mulher vai levantar. No rosto a água lava. O que não deu pra descansar. O dia tá chamando no portão[...]. [...] E no fim do dia sente esvaziar-se. Sabe que seu corpo quer sonhar. Mas ela está só. Tem que segurar. A realidade vem buscar (quer gritar). (Composição: Ana Costa / Zélia Duncan. Intérprete: Alcione)³¹.

A música narra que faz muito tempo que a mulher não se olha, mora num barraco sem espaço, lava o rosto, que não deu para descansar e quando a criança chora ela precisa fazer ninar. Essa canção retrata o cotidiano de uma mulher que tem a pele escura como a noite, uma mulher negra, mãe, favelada e trabalhadora, que vive uma realidade dura, que grita para se levantar. A música também denuncia a falta de acesso às políticas sociais, por moradia de qualidade e, sobretudo, por políticas públicas que permitam, inclusive, uma vida digna, a fim

³⁰ Zélia Duncan e Ana Costa, *Sabemos ver*, 2019.

³¹ Zélia Duncan e Ana Costa, *Uma mulher*, 2019

de garantir um espaço e um tempo para o descanso, haja vista, que as mulheres negras proporcionalmente, são as que mais trabalham.

As mulheres, na realidade brasileira, têm um grande envolvimento com o trabalho, principalmente com as tarefas não remuneradas, relacionadas ao ambiente doméstico e aos cuidados, provocando uma redução significativa em seus tempos livres para si e para suas subjetivações; e ainda, há uma diferença marcante entre o que as mulheres gostariam de vivenciar no seu tempo livre e o que de fato fazem³².

A mulher é a protagonista da economia e do cuidado. Ela realiza o trabalho integrado e conjunto, ao assumir o cuidado com a vida e o bem-estar de todos integrantes de uma casa. Na América Latina, esse protagonismo e essa responsabilidade são mais latente. A discrepância se manifesta nas horas a mais trabalhadas e retrata acometimentos diversos, ligados à saúde, à vida escolar, à vida social e ao lazer das mulheres, provocando desarmonia em várias instâncias da vida³³.

A economia do cuidado realizado pelas mulheres, é invisível e não é considerado produtivo, uma vez que não é remunerado. A diferença de horas, entre homens e mulheres, dedicadas aos afazeres domésticos é de mais de 10,4 horas semanais, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD), realizada em 2019. Acrescentando o recorte de cor ao do gênero, as mulheres negras são as que mais realizam tarefas de cuidado. No total, 94,1% são responsáveis por tais afazeres, enquanto 86,4% dos homens brancos o fazem³⁴.

A divisão sexual do trabalho é um marcador social que influencia diretamente no acesso e permanência às vivências de lazer dos sujeitos. Além da ausência do tempo livre, as mulheres sofrem pela falta de condições financeiras, que limitam seus desejos quanto às experiências de lazer³⁵. A não visibilidade do

³² Claudia Bonalume e Hélder Isayama, *As mulheres na pesquisa o lazer do brasileiro*, 2018.

³³ Luisa F. Malaver-Fonseca; Lizeth F. Serrano-Cárdenas; Hugo F. Castro-Silva, *A pandemia de COVID-19 e o papel das mulheres na economia do cuidado na América Latina: uma revisão sistemática da literatura*, 2021.

³⁴ IBGE, 2020.

³⁵ Claudia Bonalume e Hélder Isayama, *As mulheres na pesquisa o lazer do brasileiro*, 2018.

trabalho doméstico e de cuidado é uma forma de manter a estrutura do racismo, do capitalismo e do patriarcado. É uma relação complexa, que combina trabalho pago e não pago, uma divisão injusta entre trabalho doméstico, prestação de cuidados, tempo de lazer e tempo pessoal³⁶.

Historicamente, a cena se repete, com as mulheres assumindo mais trabalho dentro e fora de casa. O lazer, portanto, aparece de forma tímida nas letras das músicas por não ser considerado um item essencial, ainda que as pessoas demonstrem a necessidade de se divertir e socializar. Nesse contexto, identificamos que, ao estudar e analisar o álbum “Eu sou mulher, eu sou feliz”, existe um chamado de alerta para que a história de exploração não se repita e haja alterações concretas e incisivas na vida das mulheres nos contextos de acesso ao lazer e igualdade de gênero.

3. Ritmo final

“Eu sou mulher, eu sou feliz” é um grito, rompe em acontecimento pela necessidade da defesa à vida humana, em defesa da vida da mulher, nas diversas nuances do ser feminino, em defesa da mulher em torno do seu direito ao lazer, ao seu descanso e ao seu divertimento.

Consideramos que não há referências explícitas aos tempos de lazer das mulheres nas letras das canções. O lazer é negado e silenciado nas letras do álbum, mas está presente nas entrelinhas do cotidiano, no cantar, no encontrar, no riso e na sala de visitas; também está presente na necessidade de descanso das mulheres.

As músicas reforçam os dados de que particularmente a mulher pobre, preta e não heteronormativa sofre ainda mais a ausência das experiências de

³⁶ Heloisa Perista, *Gênero e trabalho não pago: o tempo das mulheres e o tempo dos homens*, 2002.
Miriam Nobre e Renata Moreno, *São Paulo Desigual: análises feministas sobre trabalho, gênero e raça* – São Paulo, 2020.

lazer, além de serem as mais agredidas e violentadas. Notamos que os atravessamentos de gênero e lazer estão presentes no álbum, pelos elementos da desigualdade de acesso, democratização e direito das mulheres ao lazer e a outras esferas da vida que poderiam estar em pé de igualdade para diferentes mulheres.

Assim: mulheres, não se esqueçam de cantar! O canto por vezes poderá reconectar as ancestralidades perdidas, os saberes dos povos originários subalternizados historicamente, povos que nos auxiliam a pensar os nossos corpos e interações. Mulheres, não se esqueçam de se organizar coletivamente e resistir quando os seus direitos forem ameaçados. “Estamos sãs, irmãs, estamos fortes, cuidaremos das nossas vidas até à beira da nossa morte³⁷”.

Referências

ALVES, C. Provocações entre currículos e culturas: a ação do profissional do lazer. *Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde*, Campinas: SP, v. 17, e019025, p.1-21, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8655404> Acesso em: 05 de novembro de 2021.

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade* (Feminismos Plurais). São Paulo: Pólen, 2019.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. (Original, 1980). *ESTUDOS FEMINISTAS*, 2, 1/2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

BAPTISTA, M. M. Estudos culturais: o quê e o como da investigação, *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, n° spécial, automne / hiver, pp. 451-461, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/pdf/4382>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

³⁷ Zélia Duncan e Ana Costa, Não é Não, 2019.

BONALUME, C. R. ISAYAMA, H. F. As mulheres na pesquisa o lazer do brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 3-24, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/593>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 42, p. 249–274, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 15a. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*. 17 (49), 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, H. B. (org). *Interseccionalidades: pioneiras no feminismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CIXOUS, H. O sexo ou a cabeça. In BAPTISTA, Maria Manuel (org.) *Gênero e Performance: textos essenciais I*. Gracio Editor, Coimbra, 2018. Original: CIXOUS, H. “Le sexe ou la tête?” in *Les Cahiers du GRIF*, nº13: “Elles consonnent. Femmes et langages II”, pp.5-151.1976 Disponível em: https://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1976_num_13_1_1089. Acesso em: 30 de maio de 2020.

CAMARGO, L. O. de L. O lazer e a ludicidade do brasileiro. *Revista do centro de pesquisa e formação*, maio, 2016. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002773917>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

CUNHA, M. A. Projeto Zélia Duncan e Ana Costa / lançamento em físico e digital, 2019. Disponível em: <https://boomerangmusic.com.br/projeto-zelia-duncan-e-ana-costa-lancamento-em-fisico-e-digital/>;
<https://correio.rac.com.br/conteudo/2019/12/entretenimento/891891->

[lbum-eu-sou-mulher-eu-sou-feliz-reune-ineditas.html](#). Acesso em: 30 de maio de 2021.

DAVIS, A. *Mulheres, cultura e política*. Trad. CANDIANI, Heci R. São Paulo: Boitempo, 2017.

DUNCAN, Z. COSTA, A. *Eu sou mulher eu sou feliz*. Álbum de música, Biscoito Fino, 2019.

GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T. T. (org). *Alienígenas na sala de aula uma introdução aos estudos culturais em educação*. 11^a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

IBGE, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 05 de outubro de 2021.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org). *Interseccionalidades: pioneiras no feminismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flávia e LIMA, Márcia (org). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer uma introdução*. 3^o Ed. Campinas: Autores associados, 2012.

MALAVER-FONSECA, L. F; SERRANO-CARDENAS, L. F. CASTRO-SILVA, H F. A pandemia de COVID-19 e o papel das mulheres na economia do cuidado na América Latina: uma revisão sistemática da literatura. *Estud. gerenc.* [online]. vol.37, n.158, p.153-163, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.18046/j.estger.2021.158.4458>. Acesso em: 05 de outubro de 2021.

MELO, V. A. Sobre o conceito de lazer. *Sinais Sociais*. Vol. 8; n. 23. Rio de Janeiro, set-dez, 2013.

LIVE Natural Musical: *EU SOU MULHER, EU SOU FELIZ* com Ana Costa e Zélia Duncan. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cWH1ztxz0cg>. Acesso em: maio de 2021.

MENDES, L. V. C., & ALVES, C. Currículos e Resistências: “Libertem Ângela Davis e Todos os Presos Políticos”. *LICERE*, 22(2), 375–398, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.13572>. Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

NOBRE, M.; MORENO, R. (orgs.). *São Paulo Desigual: análises feministas sobre trabalho, gênero e raça* – São Paulo: Sempreviva Organização Feminista (SOF), 2020. Disponível em: <https://www.sof.org.br/sao-paulo-desigual/>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

PARAISO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar E. Paraiso, M. A. (org) *Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PERISTA, H. Gênero e trabalho não pago: o tempo das mulheres e o tempo dos homens. *Análise Social*, v. XXXVII, n. 163, p. 447-474, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41011683>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

REZENDE, F. OSTERMANN, F. Hegemonic and counter-hegemonic discourses in science education from the perspective of a post-critical curriculum theory. *Cult Stud of Sci Educ* 15, 679–694, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11422-019-09945-8>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

SOARES, D. ZÉLIA DUNCAN E ANA COSTA lançam álbum “eu sou mulher, eu sou feliz” com inéditas e parcerias de tirar o fôlego. *MÚSICA & BADALO*, 2019.

Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/musica/zelia-duncan-e-ana-costa-lancam-album-eu-sou-mulher-eu-sou-feliz-com-cancoes-ineditas-e-parcerias-de-tirar-o-folego/>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

Referência para citação deste artigo

SANTOS, Carla Augusta Nogueira Lima e; ALVES, Cathia Alves; SOARES, Khellen Cristina Pires Correia; GRASSO, Rita Maria de Fátima Peloso. Contextos de Lazer e Gênero: o álbum de música *Eu sou mulher, eu sou feliz*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 2, p. 173 - 190, 2022.